

## GALEN STRAWSON, ROBERT HANNA E A METAFÍSICA DA CONSCIÊNCIA

José Sérgio Duarte da Fonseca \*

**Resumo:** Foram submetidas ao exame duas metafísicas da consciência, com características bastante distintas: o *realismo monista* de Galen Strawson e o *pós-fundamentalismo* de Robert Hanna. Apesar de suas diferenças, ambas têm em comum duas premissas, primeiro, que as teorias tradicionais da emergência como superveniência das propriedades experienciais a partir das propriedades físicas são falhas por terem como base a visão fiscalista do mundo; segundo, que o fisicalismo deve ser abandonado em favor de uma visão metafísica do mundo mais apropriada. O realismo monista proposto por G. Strawson sustenta que a emergência só pode ser metafisicamente inteligível a partir de uma visão, de todo modo, pansiquista do mundo. Hanna, por sua vez, sustenta que, sob bases pós- fundamentalistas, e dispensando o pansiquismo, é possível explicar a emergência não em termos de superveniência, e sim como emergência dinâmica, i.e, onde propriedades experienciais são fundidas com as propriedades físicas. Mostrei que a crítica de G. Strawson à emergência como superveniência pode ser estendida à emergência dinâmica, a despeito do fato de que a teoria da emergência proposta por Hanna assumir bases bem distintas das teorias tradicionais da superveniência. Como resultado, mostrei que o pós- fundamentalismo de Hanna não é capaz de produzir uma teoria da consciência que inclua a emergência sem que seja necessário incluir também o pansiquismo para se tornar metafisicamente inteligível.

**Palavras-chave:** Metafísica. Mundos Possíveis. Consciência. Emergência. Filosofia da mente.

**Abstract:** Two types of metaphysics of consciousness have been examined, each of them presenting very distinct features: Galen Strawson's realistic monism and Robert Hanna's post-foundationalism. Despite their differences, both positions have in common two tenets: firstly, the assumption that the traditional theories of emergence as supervenience of experimental properties originated from physical properties are not valid since they are grounded in a physicalist vision of the world; secondly, physicalism should be abandoned in favor of a more appropriate metaphysical vision of the world. The realistic monism proposed by G. Strawson claims that the emergence only could be metaphysically grasped if it maintains a pansychistic vision of the world. Hanna, on his turn, claims that under post-foundationalism, and disposing of pansychism, it is possible to explain the emergence not in terms of supervenience, but as a dynamic emergence, ie, one in which experimental properties are fused with physical properties. I claimed that G. Strawson's criticism to emergence as supervenience could be extended to dynamic emergence, despite the fact that the theory of emergence suggested by Hanna assumes very distinct bases of the traditional theories of supervenience. As a result, I claimed that Hanna's post-foundationalism is not capable of eliciting a theory of consciousness that includes emergence without having to include pansychism as well, in order to be metaphysically understandable.

**Keywords:** Metaphysics. Possible Worlds. Conscience. Philosophy of Mind.

---

\*Professor de Filosofia da Universidade Federal do Piauí e Doutor(2003) em Filosofia pela PUCRio.

## Introdução

Uma das maiores dificuldades que qualquer posição não reducionista em filosofia da mente precisa enfrentar é produzir um modelo explicativo de como se dão as relações entre as propriedades da experiência consciente e as propriedades físicas. A estratégia comumente usada para responder a essa dificuldade é mostrar que as propriedades experienciais “surgem” das propriedades físicas, seguindo a intuição academicamente educada que nos diz que a matéria organizada apropriadamente em cérebros ou, talvez mais corretamente, em corpos vivos, “faz surgir” a experiência consciente. Comumente isso se faz a partir da adoção de uma imagem do mundo que é fundamentalmente fisicalista, acrescida da suposição de que a coerência interna de tal imagem manter-se-á intacta mesmo quando se lhe acrescenta a experiência consciente.

Serão examinadas duas teorias da consciência que pressupõem a necessidade de uma crítica ao fisicalismo por ser metafisicamente adequado para a produção de um quadro geral do mundo onde a consciência e o físico possam ser incluídos de forma coerente. Examinarei duas metafísicas da consciência bem como sua pretensão de operar tal reforma. Trata-se de duas tentativas paralelas, sem relação entre si: o Realismo Monista de Galen Strawson (2008) e o Pós-fundamentalismo proposto por Robert Hanna (HANNA e MAIESE, 2009).

Hanna pretende oferecer uma metafísica da consciência a partir da qual seja possível caracterizar o que significa dizer que o físico “faz surgir” o mental, através de uma crítica às teorias da emergência como superveniência e da apresentação de uma nova teoria da emergência, a emergência dinâmica das propriedades físicas e mentais em termos de sua fusão em uma corporificação adequada. Esta teoria da emergência, por sua vez, está vinculada a uma teoria mais geral, a teoria da corporificação essencial da consciência.

Em um importante artigo, intitulado “Realistic Monism: Why Physicalism Entails Panpsychism”, Galen Strawson (2008)<sup>1</sup> defende, entre outras coisas, a tese de que qualquer teoria da emergência de fenômenos experienciais a partir de fenômenos não experienciais irá fracassar, devido ao fato de que tais teorias não são capazes de explicar “em virtude do que” a emergência ocorre. Sem tal explicação, qualquer teoria da emergência do mental a partir do físico é sempre emergência bruta, ou seja, equivalente a um milagre.

<sup>1</sup> Este artigo, publicado em 1996 no *Journal of Consciousness Studies*, foi republicado em 2006 em um livro, bem como quinze resenhas críticas do artigo em questão. (FREEMAN, 2006).

No que se segue mostrarei que a crítica de G. Strawson à emergência como superveniência pode ser estendida à emergência dinâmica, a despeito do fato de que a teoria da emergência dinâmica proposta por Hanna assumir bases bem distintas do que as teorias tradicionais. Como resultado, mostrarei que a teoria de Hanna e Maise não é capaz de produzir uma teoria da consciência que inclua a emergência sem incluir também o pampsiquismo para torná-la metafisicamente inteligível.

### **O realismo monista e a crítica de Galen Strawson à emergência do experiencial a partir do não-experiencial**

Strawson parte da tese de que a experiência consciente um fenômeno real e, assim, que nenhum fisicalismo digno deste nome pode deixar de levá-la em conta sem comprometer sua estabilidade teórica. A defesa de tal posição normalmente está vinculada a um tipo de fisicalismo não reduutivo. No entanto, Strawson é um crítico severo de qualquer tipo de fisicalismo não reduutivo que esteja comprometido com a suposição, para ele insustentável, de que a experiência consciente emerge de fenômenos físicos, essencialmente não experienciais.

A instabilidade teórica do fisicalismo não reduutivo se deve ao fato de seus defensores precisam compatibilizar duas teses que, para Strawson, são irreconciliáveis, a saber:

**Tese 1:** os eventos físicos são essencialmente não experienciais

**Tese 2:** a experiência consciente é um fenômeno real concreto e, como todo fenômeno real concreto é físico, a experiência consciente é física.

Ao assumir ambas as teses como verdadeiras, o fisicalista não reduutivo se vê obrigado a mostrar de que forma os fenômenos experienciais emergem de fenômenos físicos, essencialmente não experienciais.

Strawson considera que a noção de emergência é problemática quando se trata da relação entre o físico e o mental, muito embora ela não o seja quando se trata de determinadas relações entre o físico e o físico, p.ex., o estado líquido da água emergindo das propriedades das moléculas de H<sub>2</sub>O. Isso se deve ao fato de que a relação de emergência entre propriedades físicas de nível superior a partir de fenômenos físicos de nível mais básico é conceitualmente homogênea e inteligível. No entanto, a emergência de propriedades experienciais, de ordem superior, a partir

de fenômenos físicos de nível mais básico é para ele ininteligível, mas não em termos epistêmicos, e sim em termos metafísicos, ou como Strawson prefere dizer, “ininteligível mesmo para Deus”.

A dificuldade inerente à emergência dos fenômenos experienciais a partir de determinadas propriedades de fenômenos não experienciais, diferentemente da emergência do líquido do não líquido, se deve ao fato de que, se isso é correto, então os fenômenos experienciais são uma mera aparência, o que é absurdo, porque, nas palavras de Strawson, “Eles [os fenômenos experienciais] são podem ser mera aparência, devido ao fato de que toda a aparência depende de sua existência” (STRAWSON, 2008, p. 64).

O fracasso de toda tentativa de explicar os fenômenos experienciais em termos de propriedades não experienciais de nível mais básico fracassaria, devido ao fato de que, se Y emerge de X, então deve haver alguma propriedade em X, e apenas em X, em virtude da qual Y emerge, sendo que tal propriedade é suficiente para Y. A liquidez da água é uma propriedade emergente do comportamento das moléculas de H<sub>2</sub>O, sujas interações são descritas através de leis apropriadas. Podemos dizer que a liquidez da água é uma propriedade se dá em virtude do comportamento das moléculas de H<sub>2</sub>O. No caso da emergência do experiencial do não experiencial, ela se daria de forma bruta, já que não há nada que possamos reputar ao não experiencial que nos explicaria em virtude do que o experiencial emergiria dele. Como a emergência é uma relação “em virtude de”, tal como Strawson prefere dizer, então não há tal coisa como emergência bruta ou “em virtude de nada”, o que equivaleria a um milagre:

If it really is true that Y is emergent from X then it must be the case that Y is in some sense wholly dependent on X and X alone, so that all features of Y trace intelligibly back to X (where ‘intelligible’ is a metaphysical rather than an epistemic notion). Emergence can’t be brute. It is built into the heart of the notion of emergence that emergence cannot be brute in the sense of there being absolutely no reason in the nature of things why the emerging thing is as it is (so that it is unintelligible even to God). For any feature Y of anything that is correctly considered to be emergent from X, there must be something about X and alone in virtue of which Y emerges, and which is sufficient for Y. (STRAWSON, 2008, p. 65)

Uma defesa possível da emergência do experiencial a partir do não experiencial é dizer que o não experiencial é proto experiencial, ou seja, *intrinsecamente* ajustado a constituir, em certas circunstâncias, fenômenos experienciais. Ocorre que a dificuldade anterior não é contornada com o recurso ao não experiencial, pois, de qualquer forma, dizer que o não experiencial é intrinsecamente ajustado para constituir, em certas circunstâncias, o experiencial é apenas dizer que há algo na natureza do não experiencial *em virtude do que* o não experiencial é assim ajustado. Como não há tal coisa, a emergência do experiencial do proto experiencial é também bruta, e deve ser abandonada.

A solução de Strawson para essa dificuldade está em abandonar a tese 1, a de que os eventos físicos não são essencialmente experienciais, e manter a tese 2, a de que a experiência consciente é um fenômeno real concreto e, como todo fenômeno real concreto é físico, então a experiência consciente é física, abraçando o que chama de realismo monista.

Uma característica do realismo monista de Strawson é que ele pressupõe o pampsiquismo. Se a emergência do intrinsecamente experiencial a partir do intrinsecamente não experiencial é impossível, então o que de fato ocorre quando cérebros, ou melhor, corpos suficientemente complexos estão disponíveis, é a emergência de fenômenos experienciais, ou seja, a consciência como a nossa, a partir de fenômenos físicos que têm consciência *distinta* da nossa. Por consciência como a nossa entendo a consciência de animais humanos e não humanos, acompanhando a definição de Hanna e Maiese (2009) A emergência agora seria metafisicamente inteligível, já que a consciência como a nossa emerge em virtude do caráter essencialmente ajustado das consciências distintas das nossas, ou seja, aquelas dos microconstituintes do cérebro, ou melhor, do corpo. Os fenômenos físicos a partir dos quais os fenômenos experienciais emergem são, eles próprios, experienciais. A consciência como a nossa emergiria da consciência distinta da nossa:

That is what I believe: experiential phenomena cannot be emergent from wholly non-experiential phenomena. The intuition that drives people to dualism (and eliminativism, and all other crazy attempts at wholesale mental-to-non-mental reduction) is correct in holding that you can't get experiential phenomena from P phenomena, that is, shape-size-mass-charge-etc. phenomena, or, more carefully now — for we can no longer assume that P phenomena as defined really are wholly non-experiential phenomena — from non-experiential features of shape-size-masscharge-etc. phenomena. So if experience like ours (or mouse experience, or sea snail

experience) emerges from something that is not experience like ours (or mouse experience, or sea snail experience), then that something must already be experiential in some sense or other. It must already be somehow experiential in its essential and fundamental nature, however primitively or strangely or (to us) incomprehensibly; whether or not it is also non-experiential in its essential nature, as conventional physicalism supposes. (STRAWSON, 2008, p. 70.)

Hanna e Maiese partem de uma posição bem distinta da de Strawson, que chamam de pós-fundamentalismo. O pós-fundamentalista afirma que a matéria *pode* estar intrinsecamente ligada à consciência, dadas determinadas circunstâncias, mantendo-se a tese de que a consciência essencialmente distinta do físico. Tais circunstâncias são descritas por Hanna e Maiese em termos de um tipo específico de emergência, onde ocorre a  *fusão* das propriedades experienciais com as propriedades físicas, quando da constituição do organismo animal. Resta saber se a emergência dinâmica do pós-fundamentalista recai no mesmo tipo de dificuldades apontadas por Strawson, possibilitando e extensão de sua crítica à tese da emergência do experiencial do proto-experiencial ao pós-fundamentalismo. Em outras palavras, precisamos saber se a emergência dinâmica é um tipo de emergência bruta. Votaremos a isso após uma rápida exposição da teoria da corporificação essencial da consciência.

### **Pós-fundamentalismo, emergência dinâmica e fusão de propriedades**

O pós-fundamentalismo advogado por Hanna e Maiese parte da tese de que a consciência emerge do físico, negando o que eles consideram problemático nas teorias tradicionais da emergência. Os problemas com respeito à emergência surgem, segundo eles, devido à visão fundamentalista do físico e do mental, que precisa ser corrigida em favor ao pós-fundamentalismo<sup>2</sup>. O fundamentalismo se caracteriza pela suposição de que os fenômenos mentais são fundamentalmente mentais e os fenômenos físicos são fundamentalmente físicos e pode ser apresentado da seguinte maneira:

(1) only physical events can cause physical events,

<sup>2</sup> Não vou expor a crítica de Hanna e Maiese às várias teorias da emergência. Cf. HANNA e MAIESE, 2009, pp. 255 ss). Restringir-me-ei à tarefa de descrever a teoria da emergência dinâmica a qual eles chegam depois das críticas às teorias tradicionais da emergência.

- (2) a physical event is any real occupant of spacetime that possesses some fundamental physical properties, and
- (3) fundamental physical properties necessarily exclude inherent or intrinsic connections with fundamental mental properties. Now to say that something has a fundamental physical property, and thereby necessarily excludes inherent or intrinsic connections with fundamental mental properties, is to say that this thing is fundamentally physical. (HANNA e MAIESE, p. 299)

As várias posições em filosofia da mente podem ser descritas a partir do fundamentalismo: o dualismo, o materialismo eliminativista, o materialismo reduutivo (que Hanna e Maiese chamam de fisicalismo) e o materialismo não reduutivo, a primeira delas pelo compromisso ontológico com respeito à existência do fundamentalmente físico e do fundamentalmente mental, a segunda limitando tal compromisso apenas com respeito ao fundamentalmente físico sendo as duas últimas obtidas a partir de modalizações específicas com respeito às relações entre o físico e mental, em geral, dispensando o compromisso ontológico com o fundamentalmente mental. Todas essas posições fundamentalistas precisam ser rejeitadas em favor do pós-fundamentalismo. Uma vez caracterizado o fundamentalismo, o pós-fundamentalismo é construído a partir da adoção de (i) e de (ii) e a rejeição de (iii), em favor de:

- (iii)\* fundamental physical properties do not necessarily exclude any inherent or intrinsic connections with fundamental mental properties, and it is both metaphysically possible and also actually the case that fundamental physical properties include inherent or intrinsic connections with fundamental mental properties, is what we call Post-Fundamentalism. (Idem, p. 300)

Essas conexões “inerentes ou intrínsecas” são definidas com precisão em termos da fusão entre as propriedades fundamentalmente físicas e as fundamentalmente mentais. A fusão de propriedade físico-mental é definida por Hanna e Maiese nos seguintes termos:

- (1) Under an embodiment E, an event or physical substance X has some fundamental mental properties M1, M2, M3, etc.
- (2) Under the same embodiment E, X also has some non-identical or distinct fundamental physical properties P1, P2, P3, etc.

- (3) For every  $M_i$  there is a one-to-one correlation with a corresponding  $P_i$ .
- (4) The members of each 1-1 correlated  $M_i$ - $P_i$  pair are necessarily co-extensive.
- (5) The members of each 1-1 correlated  $M_i$ - $P_i$  pair are not logically necessarily co-extensive.
- (6) The members of each 1-1 correlated  $M_i$ - $P_i$  pair are mutually inherent or intrinsic structural properties of  $X$ .
- (7)  $X$  is a suitably complex living organism. (HANNA e MAIESE, p 354)

Isso significa que a fusão físico-mental é exemplificada apenas em um mundo constituído por sistemas dinâmicos devido a (5), que diz que as propriedades mentais e propriedades físicas são necessariamente co-extensivas metafisicamente, e não logicamente. Isso elimina de plano a tanto a identidade de propriedades, por exigir a necessidade lógica da co-extensão de propriedades, quanto a superveniência lógica, que requer a relações lógicas de suficiência. (HANNA e MAIESE, p. 328. Para a distinção entre superveniência e fusão, veja também pp. 305-6).

Em outras palavras, a adoção do materialismo pós-fundamentalista nos dá o conforto metafísico necessário para afirmar que a matéria pode, dada uma situação correta, estar essencialmente vinculada, ou seja, fundida ao mental. Tal situação se dá quando a fusão das propriedades mentais e físicas que, como resultado de sua emergência dinâmica da complexidade física e biológica, dá origem a um organismo animal, i.e., essencialmente físico e mental.

Isso, por si só, não parece garantir que tal organismo é metafisicamente um sistema consciente, se adotarmos da perspectiva de terceira pessoa. Podemos seguir Dennett e dizer que podemos, em proveito do entendimento do comportamento de tal organismo, atribuir-lhe intencionalidade, sem qualquer compromisso metafísico com respeito à existência de uma mente consciente. Hanna e Maiese afirmam, no entanto, que a existência da consciência como uma propriedade intrínseca do organismo é metafisicamente necessária, uma necessidade *a priori* fortemente metafísica (*Strong metaphysical a priori necessity*), ou seja, o mundo atual é constituído de tal forma a abrigar consciências essencialmente corporificadas como a nossa, e isso não pode ser conhecido apenas empiricamente, e sim *a priori*:

Furthermore, because the constraints are universal, intrinsic, and structural, they cannot be known by empirical means alone and thus are a priori. (HANNA e MAIESE, 2009, p. 306)

O pós-fundamentalismo é a metafísica necessária à tese do animalismo corpo-mente, a partir da qual eles propõem seu hilemorfismo neo-aristotélico. O animalista corpo-mente assume que as propriedades físicas e mentais são necessariamente fundidas, e que, conjuntamente, constituem organismos vivos com consciências como a nossa.

A corporificação essencial da consciência é uma das teses centrais da teoria de Hanna e Maiese. Criaturas com consciência como a nossa são completamente corporificadas e de modo metafisicamente necessário.

Mentes desencarnadas são logicamente possíveis, mas, embora concebíveis, não são consciências como as nossas, por isso, estão fora do alcance e do interesse da teoria. A consciência é essencialmente corporificada em dois sentidos, correspondendo a duas teses da teoria de Hanna e Maiese:

(1) Tese da corporificação essencial da consciência: Necessariamente, a consciência humana é corporificada, i.e., a consciência humana tem uma encarnação neurobiológica em larga escala de todos os seus estados em todos os sistemas vitais e órgãos vitais do animal humano consciente — incluindo o cérebro, o sistema nervoso, o sistema límbico o sistema cardiovascular até os limites da pele, sem ultrapassá-la. (Idem, 50)

A teoria de Hanna e Maiese inclui outra tese, a do animalismo corpo-mente, a partir da qual propõem uma versão renovada do hilemorfismo aristotélico:

(2) Tese do animalismo corpo-mente: necessariamente, as propriedades físicas e mentais são fundidas, e que, conjuntamente, constituem organismos vivos com consciências como a nossa. Segundo o animalismo, nossas mentes animam nossos corpos neurologicamente complexos guiando propositadamente sua ação. (HANNA e MAIESE, 2009, p. 255)

Os organismos são descritos por Hanna e Maiese como sistemas dinâmicos, assim como o Big Bang, os buracos negros, os sistemas climáticos e os sistemas de tráfico. Uma característica

básica dos sistemas dinâmicos é a de que eles são exemplos do que Hanna e Maiese chamam de “singularidades causais naturais”. Sistemas dinâmicos são singularidades causais naturais devido ao fato de que o exercício de seus poderes causais se dá a partir de leis estruturais próprias, internas ao sistema, de forma quase independente das leis deterministas e estatísticas que governam as propriedades físicas: “... they naturally create their own future by what they actually do in the present...” (HANNA e MAIESE, p. 262, itálico no original). Consciências como as nossas, essencialmente corporificadas, por serem responsáveis pelos movimentos intencionais do organismo, são um exemplo de singularidades causais naturais<sup>3</sup>.

### **A emergência dinâmica é um tipo de emergência bruta**

Há ao menos uma diferença importante entre o pós-fundamentalismo advogado por Hanna e Maiese e o realismo monista de Strawson. Como Strawson, eles também negam a Tese 1, de que os eventos físicos são essencialmente não experienciais, mas vão além do realismo monista, negando também a Tese 2, de que a experiência consciente é um fenômeno real concreto e, como todo fenômeno real concreto é físico, a experiência consciente é física. Por sustentar a Tese 2, o realismo monista de Strawson seria um tipo de fundamentalismo, se visto a partir da perspectiva de Hanna e Maiese. No entanto, há similaridades importantes entre as duas posições com relação à experiência consciente, e tais similaridades serão em proveito do realismo monista.

O argumento de Strawson contra a emergência superveniente do experiencial do não-experiencial está fundado em uma característica essencial da experiência, a de que os fenômenos experienciais, por se esgotarem completamente na aparência, não podem ser mera aparência, o que torna ininteligível qualquer tentativa de explicar a emergência do experiencial do não-experiencial (STRAWSON, 2008). Hanna e Maiese oferecem uma caracterização da consciência bastante particular mas que, apesar disso, não implica na não aceitação da caracterização de Strawson, no que diz respeito ao esgotamento do experiencial na própria aparência.

A posição de Hanna e Maiese com respeito a natureza da consciência é bastante particular pela adoção da Tese da consciência profunda, i.e., necessariamente, se um animal humano consciente possui um algum tipo de estado consciente, então ele possuirá também estados ocor-

<sup>3</sup> De especial interesse é o fato de que, segundo o animalismo corpo-mente, as propriedades mentais não são redutíveis às propriedades físicas, sendo que, as propriedades mentais, por estarem fundidas com as propriedades físicas em um organismo, garantem eficácia causal à mente, já que o organismo exerce seus poderes causais sobre o físico, e tal exercício se dá através de sua ação propositada sobre o meio-ambiente, devido à atuação de suas propriedades mentais. (HANNA e MAIESE, 2009, pp. 256 ss))

rentemente conscientes, mesmo que de forma mínima. Em outras palavras, a tese propõe que todos os estados mentais são conscientes: “consciousness penetrates into every aspect of our mental lives” (HANNA e MAIESE, 2009, p. 28).

Uma importante implicação desta tese é a de que não há algo como o “nível subpessoal”, ou seja, tudo o que importa à mente é pessoal. O que normalmente é considerado como estados mentais não conscientes, ou seja, aqueles que envolvem algum grau de desvio da consciência desperta normal são entendidos, na perspectiva de Hanna e Maiese, como estados conscientes minimamente ocorrentes (ou pré-reflexivos). Dessa forma, todo o processamento de informação é minimamente e ocorrentemente consciente, ou seja, todos os “processos subpessoais” são de fato pessoais, ou seja, acessíveis em primeira pessoa e conscientes. (HANNA e MAIESE, 2009 p. 29). A tese da consciência profunda endossa distinção entre consciência humana reflexiva, racional e a pré-reflexiva, proto-racional, mas não a distinção entre pessoal e subpessoal. Levando-se em conta ambas as teses, a consciência reflexiva, pré-reflexiva e a vida neurobiológica constitui o que somos.

Uma das mais importantes contribuições de Daniel Dennett à filosofia da mente são seus argumentos em prol da eliminação dos qualia, relegando a experiência subjetiva ao mundo virtual (heterofenomenológico), que corresponde ao nível pessoal de descrição de um agente humano, enquanto o que importa de fato entender estaria no nível sub-pessoal: no nível pessoal, o que se tem é um agente cognitivo como uma totalidade; no nível sub-pessoal, o que se tem são as operações do sistema cognitivo interno do agente (DENNETT, 1991). Trata-se de uma distinção aceita de forma quase unanime na neurociência. De fato, o enfoque epistemológico e metodológico das ciências cognitivas está assentado no nível sub-pessoal.

Essa distinção já clássica entre os níveis pessoal e sub-pessoal é posta em questão por Hanna e Maiese (2009), com a proposta de uma teoria da consciência essencialmente corporificada, quer dizer, corporificada não apenas no sistema nervoso, mas no organismo humano como um todo. Hanna e Maiese adotam a postura “qualiófoba” de Dennett, mas, em contraste, Hanna e Maiese também defendem a realidade da experiência consciente: “So we are at once qualia eliminativists and also freaks about consciousness” (HANNA e MAIESE, 2009, pp. 76). Com respeito à experiência consciente, eles supõem que elas são:

- (i) intrinsic and also structural properties, i.e., necessary, internal, relational properties that are inherently bound up with the spatiotemporal neurobiological dynamics of our living organismic bodies,
- (ii) effable, i.e., communicable to another essentially embodied subject who is suitably egocentrically positioned in orientable space and thermodynamically irreversible time, even if not conceptually describable to that subject,
- (iii) shareable, at the very least, by means of empathic mirroring of intentional body movements — i.e., as movement-types, although not as tokens of those movement-types,
- (iv) directly apprehensible, i.e., available without further cognitive mediation to either pre-reflectively conscious sensorimotor subjectivity or self-conscious, self-reflective introspective subjectivity, and
- (v) fallible, i.e., open to introspective misinterpretation features of all conscious states like ours. (HANNA e MAIESE, 2009, pp. 76-7)

O que é relevante aqui é o fato de que, mesmo adotando uma postura qualiófoba com respeito aos qualia, Hanna e Maiese, ao adorem a tese da consciência profunda, não põem nenhum obstáculo ao que mais importa para Strawson, i.e., já que, segundo eles, não há o sub-pessoal, a partir do qual poder-se-ia sustentar uma revisão da experiência em termos externos a ela, então o experiencial se esgota na aparência.

A tese da emergência dinâmica advoga algo bem próximo da estratégia, criticada por Strawson, de defender a possibilidade do mental a partir das propriedades proto-experienciais do físico. Na terminologia de Strawson, o não experiencial é proto-experiencial se é intrinsecamente ajustado para constituir, em certas circunstâncias, fenômenos experienciais. O mundo constituído de sistemas dinâmicos de Hanna e Maiese seria proto-experiencial do ponto de vista de Strawson; por outro lado, do ponto de vista pós-fundamentalista de Hanna e Maiese, a crítica de Strawson à emergência do mental a partir do físico é restrita à emergência como superveniência, e assim, subalterna à visão mecânica e estratificada do mundo.

A crítica de Strawson à emergência como superveniência pode ser estendida à emergência dinâmica de Hanna e Maiese? A emergência dinâmica de propriedades físico-mentais se dá

através da fusão de propriedades físicas e de propriedades mentais em uma corporificação específica, constituindo um novo tipo de sistema dinâmico, o organismo vivo animal. Mas a fusão de propriedades físicos-mentais que resulta da emergência dinâmica *se dá em virtude do que?*

Hanna e Maiese nos dão alguns exemplos de emergência dinâmica, sendo o entrelaçamento quântico um de seus exemplos favoritos: “Em sistemas quânticos entrelaçados, o novo composto resultante determina os constituintes originais (partículas), e não ao contrário, como a superveniência mereológica poderia sugerir” (HANNA e MAIESE, p.365). O que está entrelaçado, ou seja, fundido, em tais sistemas quânticos são determinadas propriedades quânticas das partículas constituintes, propriedades que existiam em separado antes da interação que resultou no entrelaçamento ou fusão de tais propriedades. O entrelaçamento quântico ocorreu em virtude das propriedades preexistentes das partículas antes da interação, em função das leis da mecânica quântica. Este é um exemplo de emergência dinâmica bem-comportada, não bruta, pois fica claro em virtude do que a fusão de propriedades (entrelaçamento quântico) emerge.

E quanto à emergência dinâmica das propriedades físico-mentais no organismo animal? Hanna e Maiese entendem que são as propriedades mentais que emergem dinamicamente, dada uma dada corporificação adequada. Se perguntarmos em virtude do que as propriedades mentais emergem das propriedades físicas, teríamos de responder que as propriedades mentais emergem dinamicamente em uma determinada corporificação, dadas as circunstâncias adequadas.

Hanna e Maiese defendem a tese de que a fusão entre o físico e o mental no organismo animal deve ser entendido de forma *a priori*: o mundo efetivo é constituído de tal fora que as propriedades físicas e as propriedades mentais podem se fundir, dadas as condições adequadas. No entanto, isso nada nos diz sobre a inteligibilidade metafísica da emergência dinâmica: as propriedades experienciais e não experiências são fundidas a partir do que? O entrelaçamento quântico é plenamente inteligível: dadas duas partículas com determinadas propriedades, após a interação adequada, suas propriedades preexistentes se tornam entrelaçadas, ou fundidas, no vocabulário de Hanna e Maiese. Para ser inteligível, no sentido metafísico de Strawson, a fusão das propriedades físicas e mentais quando da constituição do organismo animal deveria ocorrer entre propriedades físicas e mentais preexistentes, o que implicaria algum tipo de visão pampsiquista, à qual eles veemente rechaçam (HANNA e MAIESE, 2009) Assim sendo, a emergência dinâmica preconizada por Hanna e Maiese é de fato mais um exemplo de emergência

bruta, pois não nos diz, de forma alguma, em virtude do que as propriedades mentais emergem das propriedades físicas.

## Conclusão

Meu objetivo foi mostrar que a crítica de G. Strawson à emergência como superveniência pode ser estendida à emergência dinâmica de Hanna e Maiese. Segundo os últimos, a emergência dinâmica de propriedades físico-mentais se dá através da fusão de propriedades físicas e de propriedades mentais em uma corporificação específica, constituindo um novo tipo de sistema dinâmico, o organismo vivo animal. Se perguntarmos em virtude do que as propriedades mentais emergem das propriedades físicas, teríamos de responder, se quisermos seguir Hanna e Maiese, que as propriedades mentais emergem dinamicamente em uma determinada corporificação, dadas as circunstâncias adequadas. No entanto, já que as propriedades mentais são propriedades novas e inauditas, então tais circunstâncias precisam ser fundamentalmente físicas e fundamentalmente mentais, fazendo com que a posição pós-fundamentalista de Hanna e Maiese se colapse no fundamentalismo que eles rejeitam, já que não é possível defender, no interior da teoria, a inteligibilidade metafísica exigida por Strawson no que diz respeito às teorias da emergência do mental a partir do físico. A fusão de propriedade físico-mental que resulta da emergência dinâmica se dá em virtude do que? A teoria de Hanna e Maiese não tem uma resposta adequada à esta pergunta, o que torna a emergência dinâmica mais um tipo de emergência bruta.

## Referências

- DENNETT, Daniel. *Consciousness Explained*. Boston: Little, Brown, & Co., 1991.
- HANNA, Robert; MAIESE, Michelle. *Embodied Minds in Action*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- STRAWSON, Galen. Realistic Monism: Why Physicalism Entails Panpsychism? In: *Real Materialism and Other Essays*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- FREEMAN, Anthony, (ed.). *Consciousness and Its Place in the Nature*. Does Physicalism Entail Panpsychism? Imprint Academic, 2006.